



**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Mestrado Profissional em Linguística e Ensino**

LINGUAGEM E REDES SOCIAIS: O FACEBOOK COMO
ESPAÇO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS
SURDOS

**Erivan Lopes Tomé Júnior
Orientador: Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel**

**João Pessoa
2014**



**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Mestrado Profissional em Linguística e Ensino**

**Área de Concentração:
Linha de Pesquisa: Tecnologias Contemporâneas e Ensino**

**LINGUAGEM E REDES SOCIAIS: O FACEBOOK COMO
ESPAÇO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS
SURDOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Mestrado Profissional em Linguística e
Ensino da Universidade Federal da Paraíba
para obtenção do título de Mestre em
Linguística e Ensino

Erivan Lopes Tomé Júnior

Professor Orientador: Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel

**João Pessoa
2014**

T656l Tomé Júnior, Erivan Lopes.

Linguagem e redes sociais: o facebook como espaço de aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos / Erivan Lopes Tomé Júnior.- João Pessoa, 2014.

47f.

Orientador: João Wandemberg Gonçalves Maciel

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Linguística e ensino. 3. Facebook. 4. Surdos. 5. Letramento. 6. Inclusão.

UFPB/BC

CDU: 801 (043)

ERIVAN LOPES TOMÉ JÚNIOR

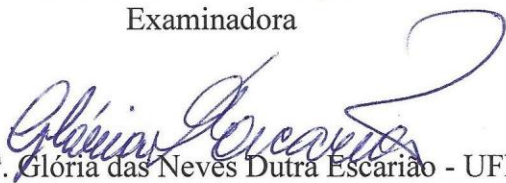
Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Linguística Ensino da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre.

Assinatura do autor: Erivan Lopes Tomé Júnior

APROVADO POR:


Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel - UFPB
Orientador


Prof.^a. Dr.^a. Eliane Ferraz Alves - UFPB
Examinadora


Prof.^a. Dr.^a. Glória das Neves Dutra Escarvão - UFPB
Examinadora

João Pessoa

Maio - 2014

Dedico esta dissertação
a minha amada esposa
Cristiane Souza Alves,
principal incentivadora
de toda essa empreitada acadêmica
e minha amada mãe Maria Helena,
exemplo de mestre e minha avó Maria das Neves,
e em especial aos meus irmãos
André Thomé e Heloysa Helena,
que sempre torceram
por meu sucesso pessoal e profissional.
Por fim, aos meus alunos surdos,
que foram minha fonte de inspiração
e reflexão para este estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o consentimento da vida e a capacidade de lutar diariamente por meus ideais.

A Nossa Senhora de Fátima e São Miguel Arcanjo que intercedem e me cobrem em baixo de vossa proteção.

A minha família que é minha fonte de energia diária, que rezam e intercedem constantemente por mim, ensinando-me valores e princípios que até hoje regem minha vida. Agradeço pelo amor, paciência, compreensão e auxílio.

Ao orientador deste trabalho, Professor Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, meu mestre desde os tempos de ensino médio, e agora companheiro de estudos acadêmicos, pela transmissão e compartilhamento de seus conhecimentos, por acreditar e me incentivar nesse tema e por toda paciência, compreensão e tempo destinado à realização deste trabalho.

A banca examinadora do meu trabalho de dissertação, pela atenção destinada à correção e análise deste e, as contribuições que certamente vieram enriquecer a discussão.

Aos demais professores do MPGLE da UFPB que passaram até esse momento lecionando e lutando para que esse mestrado se realizasse.

Aos meus amigos e colegas de mestrado, professores e funcionários da PMJP, pelos laços de amizade que fizemos ao longo dessa jornada acadêmica, pela troca constante de conhecimento, pelas alegrias, por tudo, mesmo diante das adversidades e obstáculos constantes.

Aos meus amigos da EMEF Senador Ruy Carneiro, da EEEF Profª Maria Geny de S. Timóteo e da saudosa EMEF Luciano Ribeiro de Moraes na cidade de Bayeux, que cotidianamente me davam palavras de forças, incentivos para poder realizar essa caminhada de pesquisa, que não foi fácil.

As colegas de estudos e companheiras de PMJP Elma Silvanda Dantas e Flávia Sirino de Oliveira pela constante amizade e compartilhamento de conhecimentos acadêmicos, risos, dúvidas, acertos e vitórias até essa etapa final.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta etapa final para o começo de uma nova fase em minha vida, esse é o meu sincero agradecimento. Muito obrigado!

*Ensinar
é um exercício
de imortalidade.
De alguma forma
continuamos a viver
naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo
pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não
morre jamais.
Rubem Alves*

RESUMO

A internet é hoje um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem se propagou e se tornou globalizada. Nesse contexto, também, insere-se o *Facebook*, uma rede social que pode fornecer aos alunos surdos a oportunidade de apresentar suas ideias, conduzir discussões *on-line* e colaborar de forma efetiva para o aprendizado do ensino de língua portuguesa a partir do uso das tecnologias digitais contemporâneas. Assim, esta pesquisa se propõe a contribuir para dimensionar alguns aspectos das dinâmicas de inclusão dos alunos surdos, através do uso do *Facebook*. O uso dessa rede social, apresenta-se como uma das possibilidades que pode contribuir com o letramento digital e mais especificamente, com a prática da leitura e da escrita do público-alvo em tela. O objetivo específico é apresentar esses mecanismos como um aliado dos educadores nas diversas salas de aula desse país. A pesquisa enquadra-se no processo etnográfico, baseado no modelo descritivo e exploratório, já que após o experimento, utilizou-se tais métodos para a organização e interpretação dos resultados, analisando o uso do *Facebook*, com participação efetiva dos alunos surdos e do professor pesquisador. Durante as participações foram observadas as postagens, as publicações e as interações ocorridas com outros usuários. Diante de tudo isso, pode-se afirmar que a interação estabelecida através do *Facebook* encurta distâncias, transpõe barreiras e inaugura um modo totalmente inédito de estabelecer a comunicação entre internautas no ciberespaço. Durante a pesquisa percebeu-se que o *Face* estabeleceu uma nova maneira de se comunicar pela internet. Confirmando, assim, seu papel de disseminador de conhecimentos múltiplos e diversificados.

Palavras-Chaves: *Facebook*. Surdos. Letramento. Inclusão.

ABSTRACT

The internet is now one of the media more accessible messages and thereby spread their language and became globalized. In this context, too, is part of Facebook, a social network that can provide deaf students the opportunity to present their ideas, conduct online discussions and collaborate effectively for learning the Portuguese language teaching from the use of contemporary digital technologies. Thus, this research aims to contribute to scale some aspects of the dynamics of inclusion of deaf students, through the use of Facebook. Using this social network, is presented as one of the possibilities that can contribute digital literacy and more specifically, the practice of reading and writing audience on screen. The specific objective is to present these mechanisms as an ally of educators in diverse classrooms that country. The research falls within the ethnographic process, based on the descriptive and exploratory model, since after the experiment, we used such methods for organizing and interpreting the results, analyzing the use of Facebook, with the effective participation of deaf students and teacher researcher. During the shares postings, publications and interactions occurring with other users were observed. Given all this, it can be stated that the interaction established through Facebook shortens distances, transposing barriers and ushers in a completely novel way of establishing communication between netizens in cyberspace. During the research it was realized that the Face has established a new way to communicate online. Thereby confirming its role as a disseminator of multiple and diverse knowledge.

Keywords: Facebook. Deaf. Literacy. Inclusion.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Aporte Teórico.....	15
Capítulo 1: Leitura e Letramentos.....	16
1.1.1 Leitura.....	16
1.1.2 Leitura mediada por imagens.....	18
1.1.3 Letramento Visual.....	18
Capítulo 2: Surdez: Conhecendo a Deficiência.....	20
2.1 Escola, Surdez e Inclusão:.....	22
2.2 Surdos e Letramento Digital:.....	24
Capítulo 3: Procedimentos Metodológicos.....	27
Capítulo 4: Análise dos dados.....	31
4.1 Discussão dos resultados.....	40
Considerações Finais.....	43
Referências.....	46

INTRODUÇÃO

A internet é hoje um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem se propagou e se tornou globalizada. Nesse contexto, também, insere-se o *Facebook*, uma rede que além de social, também pode fornecer aos alunos surdos a oportunidade de apresentar suas ideias, conduzir discussões *on-line* e colaborar, de forma efetiva, para o aprendizado do ensino de língua portuguesa, a partir do uso das tecnologias digitais contemporâneas.

O *Facebook* é a maior rede social do mundo. Atualmente, conta com mais de um bilhão de usuários. Segundo os dados da [Socialbakers](http://www.socialbakers.com/)¹, empresa de estatísticas sobre mídias sociais, o maior grupo de usuários do *Facebook* por idade no contexto atual é a faixa etária dos 18 aos 24 anos, seguido pelos usuários na faixa etária dos 25 aos 34 anos. Há 47% de homens usuários e 53% de usuários do sexo feminino, no Brasil, em comparação aos 76% e 24% na Índia e 59% e 41% na Indonésia, respectivamente. O nosso país conta com 7.3% do número de usuários Facebook, atualmente na 2ª posição dos países com mais usuários na rede social. Os usuários do Facebook no mundo tiveram aumento de 1.6% comparado a 5.3% dos usuários Facebook em Brasil: O infográfico abaixo apresentam dados de maio de 2013:

¹ <http://www.socialbakers.com/>

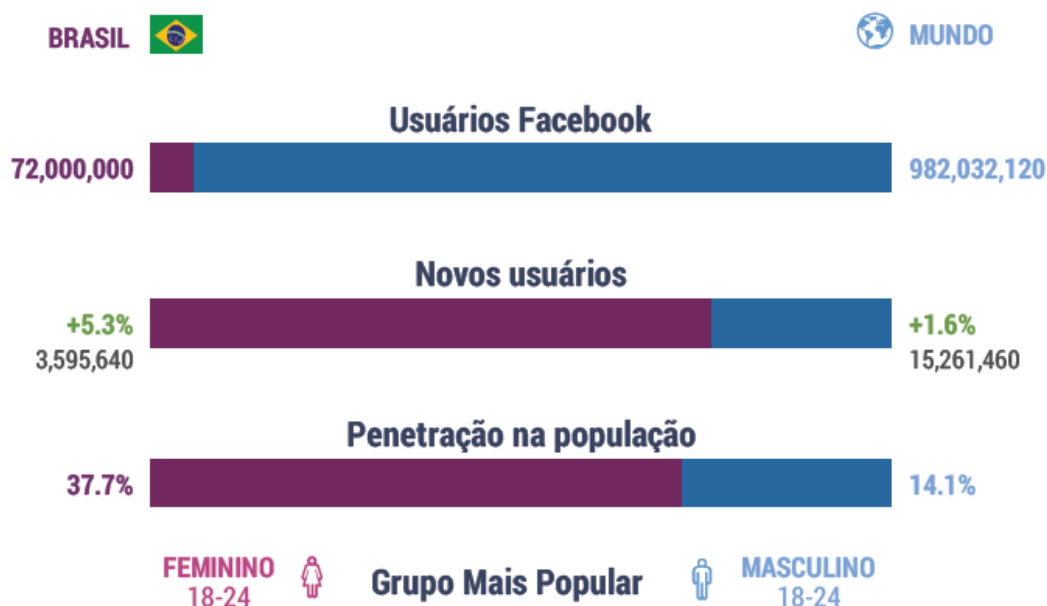


Imagem 1 (Infográfico com dados do facebook)

Disponível em: www.agenciamestre.com/marketing-digital/estatisticas-do-facebook-no-brasil-em-maio/

É grande a sua popularidade entre os usuários dessa rede de intercomunicação, desterritorializada, chamada internet, que, a cada momento, insere os alunos nas mais diversas situações de necessidades comunicacionais, dentre essas, a busca de conteúdos e de ferramentas educacionais.

O *Facebook*, no dia a dia, tem sido usado como um prolongamento da execução das atividades propostas em sala de aula, possibilitando, assim, a quebra dos muros entre escola – professor – aluno – sociedade. E a escola é um espaço onde deve prevalecer ações estabelecidas comunicativamente, cujas práticas de leitura e de escrita levem os estudantes ao domínio de competências que os capacitem para a utilização ora do texto impresso, ora do texto digital.

O estudo em tela visa analisar alguns aspectos da linguagem usada na rede social *Facebook*, e sua utilidade como ferramenta de aprendizagem do aluno surdo no ensino da língua portuguesa.

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da observação da linguagem utilizada pelos alunos surdos através dessa rede social, e da facilidade de interação e de comunicação através dos diversos suportes que este ambiente

virtual proporciona. Nessa perspectiva, Soares (1997) afirma que o maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A internet e suas redes, cada vez mais sociais, têm-se mostrado um local de profunda igualdade entre todos os seus membros. Para isso, não é preciso ir muito longe, basta começar a navegar e a participar dos bate-papos virtuais, que se perceberá a multiplicidade e a diversidade de pessoas e de informações que se podem encontrar na rede, sem, no entanto, haver qualquer tipo de preconceito ou discriminação. Para os surdos, isso é inserção: é poder ser ele mesmo, sem haver exclusão de um mundo sonoro.

Assim, o *Facebook*, para os surdos, iguala todas as pessoas: pobres, ricos, surdos, ouvintes, brasileiros ou estrangeiros em uma linguagem digital, possibilitando a todos uma comunicação no mesmo patamar.

O estudo, ora almejado, tendo como objetivo inicial analisar o uso do *Facebook* na aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos, visto que trabalho com esse perfil de alunos na rede estadual e municipal da cidade de João Pessoa há aproximadamente sete anos, como professor de língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir desse contexto, suscitei-me a observar como os surdos utilizam a rede para se comunicar, e, por conseguinte, analisar a linguagem utilizada por eles para estabelecer a comunicação na interação social. E, por fim, identificar as diversas possibilidades de uso pedagógico no aprendizado do aluno surdo.

Além de favorecer a comunicação e a busca de informações, essa rede social é uma importante ferramenta de interação e aprendizagem mediada por comunicadores instantâneos, acesso a sites diversos, compartilhamento de textos, fotos, vídeos, dentre outros. Como segundo objetivo, o estudo em tela se propõe a contribuir para dimensionar alguns aspectos que influenciam a incorporação desta rede na aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos, a partir de recursos visuais, tais como: animação de imagens e sinais gráficos, o que facilita a compreensão da linguagem e a consequente interação entre ele e o mundo globalizado.

Assim, esta rede social serve como uma ferramenta de inclusão no âmbito escolar. Sasaki (1997, p.41), define como: “um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

O ensino, em vista disso, deve se adaptar às necessidades dos alunos surdos, ao invés, de apenas, adaptar-se a paradigmas preconcebidos a respeito do ritmo e da natureza dos processos de aprendizagem. Nesse sentido, o desenvolvimento e a utilização da internet acabam produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e seu funcionamento. A partir desta realidade, almeja-se verificar como o aluno surdo utiliza esse espaço virtual para o aprendizado da língua portuguesa, em face de inúmeros recursos existentes na contemporaneidade. Será o *Facebook* um facilitador do aprendizado da língua portuguesa ou apenas uma ferramenta de comunicação entre os alunos surdos?

Assim para executar esse estudo foi necessário seguir o seguinte roteiro:

Inicialmente temos a introdução onde se destacam as hipóteses, os objetivos e como foram desenvolvidos os procedimentos metodológicos do referido estudo.

Em seguida apresentamos o Aporte Teórico, onde há os autores que serviram de base para a construção dessa pesquisa de dissertação e consequente execução desse projeto.

A pesquisa foi dividida em capítulos, o primeiro deles dissertou sobre Leitura e Letramentos, nele se apresentam as definições de leitura e letramentos tomando por base os teóricos como Soares (2000), Kleiman (2004) Coscarelli (2002) e Santaella (2004). E dentro dessa mesma temática abordou-se também sobre leitura mediada por imagens e Letramento Visual através do âmbito e contexto dos alunos surdos.

No segundo capítulo, intitulado Surdez – conhecendo a deficiência foi abordado a origem da deficiência, suas diferenças e limitações, como também a

realidade do aluno surdo nas escolas hoje em dia, e sua inclusão através de políticas educacionais voltadas para ele. E ainda nesse capítulo abordou-se o letramento digital como ferramenta de inclusão e diminuição do abismo entre o aluno surdo e o conhecimento de língua portuguesa.

No terceiro capítulo apresentou-se os procedimentos metodológicos que nortearam essa pesquisa. A etnografia foi o modelo de pesquisa escolhida para a coleta de dados referentes a este estudo. Em seguida, foi exposta a análise e discussão dos dados pesquisados. Nele, abordou-se aquilo que fora analisado durante a pesquisa, ou seja, ações dos alunos surdos, quer no ambiente real, quer no ambiente virtual.

Por fim, temos as considerações finais, na qual se expôs a reflexão sobre os resultados da pesquisa, e impressões diante das ações dos alunos, referentes à tecnologia, a educação e o ensino de língua portuguesa após a utilização do Facebook.

1. APORTE TEÓRICO

Atualmente, as tecnologias digitais proporcionam diversas possibilidades de utilização no contexto social e, dentre elas, o uso pedagógico está em crescimento constante. Assim, temos desde textos digitalizados a *e-books*, ou livros digitais, que, a cada dia, adentram o universo do ensino/aprendizagem. Esses ambientes possibilitaram aos alunos mais acesso à leitura, e, ao mesmo tempo, trouxeram uma nova perspectiva de interação entre o leitor e o conhecimento ali inserido.

Diante do exposto, esse universo midiático criou uma nova forma de cognição e levou ao surgimento de um “leitor imersivo”, que exhibe uma “agilidade perceptiva e uma prontidão de respostas na interação com o fluxo incessante de signos que se apresentam nas interfaces da hipermídia” (SANTAELLA, 2004, p.14). Esse panorama origina um tipo de comunicação que permite o locutor e o

interlocutor interagir e ainda estabelecerem interconexões com pessoas do mundo todo. A mesma autora ainda afirma que é todo e qualquer: “espaço informacional multidimensional, que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação” (p. 1)

Para Lévy (1996), um texto digitalizado permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam a outros, por meio de ligações hipertextuais, possibilitando o exame rápido. O autor demonstra que o virtual não é o contrário do real, mas sim tudo aquilo que tem potencialidade para se concretizar. Ele afirma que em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

Segundo Habermas (1987), o homem só reconhece como homem e adquire consciência de si mesmo através do outro, ao desenvolver uma interação reflexiva através da linguagem, isto é, da ação comunicativa.

Marcuschi (2002), ao falar acerca dos gêneros emergentes no meio virtual, confirma e corrobora essa nova visão baseada nos mais diversos suportes de leitura existentes. Os gêneros emergentes, na contemporaneidade das tecnologias digitais, são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Muitos desses gêneros digitais são evoluções de outros já existentes nos suportes impressos (papel), ou em vídeos (ex.: vídeos, fotografias). Porém, essa tecnologia comunicativa, verdadeiramente, gerou novos gêneros, oferecendo agilidade e rapidez no contato com o mundo, ocasionando uma interação imediata entre o aluno e o mundo que se quer conhecer.

1.1 Leituras e Letramentos

1.1.1 Leitura

A leitura é de fundamental importância para a construção e reconstrução do conhecimento de mundo, e o letramento envolve leitura. Ler é um conjunto de habilidades, de comportamentos e conhecimentos, como afirma Soares (2000):

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 2000, p. 18)

Pode-se afirmar que a leitura deixou de ser algo mecânico, estático, uma atividade solitária. Ela passou a ser algo dialógico, comunicativo por excelência. Para Kleiman (2004, p. 80), a leitura “pressupõe a figura do autor presente no texto através de marcas formais que atuam como pistas para a reconstrução do caminho que ele percorre durante a produção do texto”.

Nessa certeza de que a leitura é um processo dinâmico e social, que possibilita ao leitor a construção do sentido, ou seja, a compreensão textual. Pode-se concluir que há leitores de diferentes habilidades para cada tipo de leitura. E é a interação entre o texto e o leitor que constitui realmente a leitura.

Coscarelli (2002, p. 1) confirma a importância da leitura e de bons leitores: “Os bons leitores são capazes de adquirir informação sozinhos e, portanto, abrem para si mesmos as portas do aprendizado constante que é tão valorizado nas sociedades modernas”

Para Santaella (2004), existem diversos tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. O primeiro, o leitor contemplativo, é aquele da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. O segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão. E o último, o leitor imersivo, aquele que surgiu a partir dos novos espaços virtuais - os ciberespaços. Contudo, Santaella (2004, p. 16) nos diz que: “o leitor do livro é o mesmo da imagem e este pode ser o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo”.

Os leitores podem, assim, estar envolvidos em diversos âmbitos, sejam eles reais ou virtuais, estáticos ou móveis, pois os mesmos são partes de um grande processo de comunicação. Esse é o perfil do leitor do século XXI: um leitor que relaciona seu modo de ver o mundo, diversificadamente, e se comunica com a sociedade, percebendo-a descontextualizada, descaracterizada, ou seja, um leitor

imerso no acúmulo de informações que são despejadas pelos espaços multimídia de informações instantâneas.

Em Soares (1998), entende-se por letramento aquele estado em que o sujeito não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso frequente da leitura e da escrita, e que, ao tornar-se letrado, muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura.

Para Kato (1987), a escola tem grande preocupação com a escrita, porém dá pouca atenção para o desenvolvimento da leitura. O que aparentemente tem-se mudado no ambiente escolar, devido à concepção dos gêneros discursivos ou textuais, cada vez mais inseridos nas aulas de LP (Língua Portuguesa).

Assim, essa preocupação apresentada pela autora também está presente nas palavras de Magda Soares (1991), quando afirma que: “Não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.”

Portanto, a leitura deve ser vista como uma fonte inesgotável de pesquisa e não como uma simples decodificação de símbolos gráficos. O que já ocorre em muitas escolas atualmente.

1.1.2 Leitura mediada por imagens

A expressão leitura de imagens começou a circular na área de comunicação e artes, no final da década de 1970, com a explosão dos sistemas audiovisuais. A imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos e sua leitura demanda o conhecimento e a compreensão desses códigos. Contudo, a expressão “leitura de imagem” não é consenso entre educadores, já que para vários pesquisadores desses campos não é possível “ler” uma imagem. (SARDELICH, 2006)

Segundo Kellner (*apud* SARDELICH, 2006), ler imagens implica em aprender a apreciar, decodificar e interpretá-las, analisando tanto a forma como são construídas e operam em nossas vidas, como o conteúdo que comunicam em situações concretas.

Portanto, é pertinente à discussão sobre aspectos de letramento da pessoa surda, aspecto relacionado à construção e significação de conceitos, visto que, o sujeito surdo tem particularidades específicas quanto ao seu processo de aprendizagem, em função de sua diferença linguística, visto que o modo de perceber o mundo que o cerca é diferenciado do “olhar ouvinte”.

Segundo Reily (2003), a imagem tem uma função importante no processo de letramento do aluno surdo: a figura visual, tanto a representação abstrata quanto a figurativa ou pictográfica, traz consigo o potencial de ser aproveitada como recurso para transmitir conhecimento e desenvolver raciocínio. A leitura pelo surdo ocorre de maneira ideográfica, visto que a leitura não ocorre apenas com a decodificação de textos escritos, mas também de linguagens não verbais, pois há uma forte ligação entre a linguagem das imagens e a escrita. Assim, ela é uma atividade interativa, do ponto de vista que se utiliza diferentes conhecimentos e sentidos para realizá-la.

Cabe assim, ao professor, fazer uso de técnicas que abordem e utilizem imagens no desenvolvimento das atividades em sala de aula, para incluir o aluno surdo no ambiente de aprendizagem em que já se encontram os ouvintes. Diante do exposto, a imagem deve ser vista como aliada na aprendizagem do aluno surdo, como uma ferramenta que diminua o abismo existente entre ele e a utilização da língua portuguesa como código linguístico.

1.1.3 Letramento visual

Letramento tem como definição um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem no seu contexto social. Discutir então letramento para a surdez requer pensar em práticas culturais e sociais: pensar em como os surdos leem e interpretam o mundo, a partir de suas singularidades linguísticas e culturais; pensar em como os surdos utilizam social e culturalmente a língua escrita.

Assim, surge o letramento visual, que é compreendido por Oliveira (2006) como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode

interpretar o que é visto. Portanto, esse letramento para os surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e de compreensão de imagens. Por exemplo: não basta ser surdo para “ler” uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias.

Reily (2003, p. 164) propõe o letramento visual no currículo escolar e considera que: “a imagem vem sendo utilizada na escola com uma função primordialmente decorativa, de tal forma a diluir o tédio provocado pela grafia de textos visualmente desinteressantes”.

Assim, esse “novo” letramento traz ao aluno surdo a possibilidade de conhecer e interessar-se por um novo mundo, antes renegado ou ausente de sua realidade.

2. Surdez: conhecendo a deficiência

Segundo censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, o que representa 5,1% da população brasileira. Desse total, cerca de 2 milhões possuem a deficiência auditiva severa, (1,7 milhões têm grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil são surdos) e 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva.

O conceito de surdez, como qualquer outro conceito, lida com modificações inerentes à realidade dessa patologia. Podemos definir uma pessoa surda como aquela que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de forma natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária.

Assim, o conceito de surdez tem tido várias construções sociais que segundo Ruella (2000, p. 57) se têm transformado em função do tempo e do espaço geográfico. Segundo a mesma autora, nas diferentes formas de encarar a surdez, duas visões têm sido dominantes e têm perdurado ao longo do tempo: a visão clínica ou patológica e a sociocultural. Do ponto de vista clínico, a surdez é assim definida como a perda de audição parcial ou completa, também denominada medicamente por deficiência auditiva ou hipoacusia. (PAÇO *et al*, 2010, p. 41).

Nessa perspectiva, o surdo é visto como deficiente auditivo que tem de ser reeducado para aceder ao código linguístico do ouvinte.

Já deficiência auditiva é considerada genericamente como a diferença existente entre o desempenho do indivíduo e a habilidade normal para a detecção sonora de acordo com padrões estabelecidos pela American National Standards Institute (ANSI).

Ambrose (2007, p.71) descreve perda da audição como: “impedimento mecânico ou nervoso à transmissão de ondas sonoras para o cérebro”. Guimarães (2002, p. 840) define surdez como a “Diminuição uni ou bilateral da audição, qualquer que seja a causa, considerando-se surdo o indivíduo cuja gravidade auditiva esteja abaixo de 70 decibéis”. Por fim, Ferreira (2000, p. 655) vê a surdez como: “enfraquecimento ou abolição do sentido da audição”.

Para questão de ilustração, tem-se que as perdas auditivas podem ser de diferenciados graus. A classificação mais conhecida e amplamente utilizada classifica a perda auditiva em normal, leve, moderada, severa e profunda (DAVIS e SILVERMAN, 1970). Assim, a deficiência auditiva/surdez atinge milhões de pessoas devido a uma série de fatores, tais como: hereditariedade, acidentes, traumas, doenças, envelhecimento do organismo, etc. Da mesma forma que a deficiência visual, a deficiência auditiva também apresenta graus e tipos de perda que irão caracterizar individualmente o modo de tratamento.

A surdez tem a sua classificação de acordo com a área do ouvido que apresenta a deficiência. A hipoacusia é causada na infância, quando há diminuição de sensações auditivas, sem perder a qualidade da audição. Descuidada ou voluntariamente ignorada, tende a progredir com o tempo. Enquanto que disacusia é a perda da capacidade auditiva em maior ou menor grau de intensidade, de forma transitória ou definitiva, estacionária ou progressiva.

A surdez pode ocorrer tanto de forma *congenita*, quando já se nasce surdo, cujas fundamentais causas são: hereditariedade, rubéola, sarampo, doenças tóxicas da gestante (sífilis), ingestão de medicamentos que lesam o nervo auditivo durante a gravidez. E adquirida (súbita) quando a surdez ocorre durante qualquer período de vida, a maioria das vezes como decorrência de infecções do ouvido

médio (otite média) que são mais comuns em crianças ou por doenças e lesões traumáticas. Como acessório, a perda auditiva adquirida é parte comum do processo de envelhecimento, também sendo chamada de *presbiacusia* (processo degenerativo de células sensoriais da orelha interna e fibras nervosas que conectam com o cérebro). Entre suas causas estão: a presença de uma predisposição genética, quando ocorre meningite, exposição a sons impactantes (explosão) ou viroses, por exemplo. De acordo com Ambrose (2007, p,71), a perda auditiva se depender da causa, com o tratamento imediato, em 48 horas, a audição poderá ser reestabelecida.

2.1 Escola, Surdez e Inclusão

A surdez existe e os alunos que possuem essa deficiência necessitam de uma proposta pedagógica nova, pensada para suas singularidades linguísticas e culturais. Contudo, por mais que sonhemos e lutemos pela inclusão e a aceitação da diversidade, deparamo-nos muito ainda com o preconceito, impregnado em todos os âmbitos sociais. A escola é vista como uma das instituições que poderiam quebrar com muitos tabus, mas, ao contrário, ela tem sido ainda permeada de preconceitos e juízos prévios sobre os alunos e suas famílias.

Diante disso, a Declaração de Salamanca (1994) assevera que: "[...] as pessoas com necessidades especiais devem ter acesso às escolas comuns que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capazes de atender a essas necessidades." (UNESCO, 1994, p. 10).

Assim, a prática da inclusão escolar, segundo Mantoan (2003), pauta-se na capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes. Contudo, estão a escola e os educadores preparados de verdade para essa inclusão? Quantas décadas ainda virão para que vejamos uma inclusão prática e não apenas teórica?

Ao falar sobre a audição, pode-se considerar que esta desempenha no ser humano um papel relevante e decisivo no desenvolvimento da comunicação, já que

a audição nos dá a possibilidade de obter sons nunca antes pensados ou descobertos.

A família, por exemplo, por conta de toda a ansiedade que se põe à chegada de um filho ou de uma criança em geral, e também por ser muito ligada à perfeição e à beleza imposta pela sociedade, inicialmente não consegue reagir bem com a chegada de um (a) filho (a) com deficiência. No entanto, Vygotsky (2007) adverte que o desenvolvimento da criança acontece a partir das constantes interações com o meio social em que vive.

Pode-se dizer ainda que a infância seja o momento em que o indivíduo está mais apto ao aprendizado e, no caso da criança com deficiência auditiva, a mesma não tem plena consciência de sua deficiência. Por isso, a família deve ser promotora primordial do desenvolvimento infantil, preparando a criança para conviver com a deficiência e trabalhar a sua integração com o meio familiar, social e educacional, sem deixá-la passiva, em meio ao mundo ao seu redor, quebrando o preconceito inicial acerca da criança e sua deficiência e o paradigma do filho idealizado, dando-lhe a oportunidade de desenvolver-se como pessoa.

É interessante mencionar a gratuidade dos aparelhos de amplificação sonora individual, mais conhecidos por aparelhos auditivos. Mas a espera é grande para inúmeros casos e nem todos têm a condição financeira para a compra deste aparelho, dificultando o seu uso e adaptação precoce.

Na fase adulta, o surdo já tem consciência do preconceito que acontece ao seu redor, seja no âmbito familiar, escolar e social, muitas vezes por falta de conhecimento e orientação sobre a deficiência. Por isso, é importante que o deficiente auditivo adquira precocemente o uso do aparelho auditivo. Assim, desde criança se adaptaria com o uso do mesmo e superaria aparentemente o preconceito nestes três âmbitos.

A inclusão social e escolar de todos os cidadãos, independente de suas diferenças, tem sido defendida nacionalmente. Os alunos surdos têm por direito matricular-se na rede regular de ensino, tendo a implementação da educação bilíngue, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), de modo a viabilizar-lhes o acesso aos conteúdos curriculares.

Outrora, em Brasília/ DF, a formação de professores para lecionar a alunos surdos efetivava-se através dos cursos de pedagogia ou licenciatura em educação especial/deficiência auditiva, com enfoque clínico. Hoje, a formação de professores realiza-se em curso de pedagogia bilíngue ou em cursos de Letras/Libras. A formação também se realiza em curso de graduação em Letras com licenciatura em Português 2ª língua ou em curso de Educação Inclusiva.

No estado da Paraíba é preciso formar professores para o ensino de Libras e formar também tradutores e intérpretes de Libras, ampliando, cada vez mais, o uso e o ensino de língua de sinais. Hoje é grande a presença de alunos surdos em cursos de pós-graduação, fato que não era tão comum há poucos anos.

Em contrapartida, a inserção da pessoa surda ainda se encontra distante dessa inclusão na mídia, visto que, poucos são os programas televisivos e propagandas que apresentam tradução em Língua de Sinais. É válido destacar que a discriminação e o desrespeito são constantes vilões na vida das pessoas com deficiência, apesar das inúmeras leis e cartilhas que promovem o incentivo à inclusão e esclarecem dúvidas, buscando pôr em prática a concepção dos direitos humanos. A sociedade ainda insiste na ignorância, no preconceito, gerando, cada dia mais, distância entre ambos. A proposta é trabalhar a dimensão da deficiência desprendendo-a do conceito de doença, segundo Skliar “a deficiência não é uma questão biológica e sim uma retórica social, histórica e cultural”.(Skliar, 1999, p. 6).

Para que se pratique de fato a inclusão social e se vença o preconceito, devem-se ser valorizados, concretamente, as reais capacidades de desempenho do indivíduo, seja ele deficiente ou não.

2.2 Surdos e letramento digital

Acerca da definição de letramento, Kleiman (1995, p. 19), assevera que “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam

a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Em Nóbrega e Maciel (2008, p 1139): “O letramento digital, motivado pelas escolas, é, para os estudantes, um forte recurso de poder, porquanto a informação faz uma tremenda diferença numa sociedade de desigualdades, como a do Brasil”.

Para Soares (2006, p.18) o letramento é definido como: “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição de que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita”.

A partir desses conceitos, como podemos inserir o letramento de indivíduos que não possuem a língua portuguesa como língua materna e apenas a veem como segunda língua? Reily (2003, p. 17) responde a esse questionamento afirmando que: “O processo de ensino do aluno surdo se beneficia do uso das imagens visuais e que os educadores devem compreender mais sobre seu poder construtivo para utilizá-las adequadamente”.

Por isso, a formação de conceitos seria facilitada utilizando representações visuais, e a sua adoção, nas atividades educacionais, auxiliaria no processo de desenvolvimento do pensamento conceitual, visto que a imagem permeia os campos do saber, traz uma estrutura e potencial que podem ser aproveitados para transmitir conhecimento e desenvolver o raciocínio, elevar seu interesse pelo assunto e aproximá-lo de algo antes visto como distante e inatingível.

Portanto, para o surdo, as imagens são o seu mundo. A língua de sinais é vista como a primeira língua a ser adquirida pelo surdo e o português, em sua modalidade escrita, a segunda. Pelo fato de não ouvir, o surdo apoia-se indiretamente na relação oralidade/escrita, tornando possível considerar o aspecto visual da escrita como um fator facilitador do processo de aquisição do português. Contudo, o surdo não fica isolado do mundo das coisas, do mundo visual e, na internet, mais especificamente no Facebook, ele pode vivenciar esse mundo visual, usando as mais diversas ferramentas de comunicação lá presentes. Assim sendo, a aquisição da língua portuguesa como segunda língua pelo surdo se faz por meio

dessa representação gráfica. Para Oliver Sack, “a surdez em si não é o infortúnio; o infortúnio sobrevém com o colapso da comunicação e da linguagem” (1989, p 130).

Soares (1997) assevera que: “O maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, a extensão e a eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século”.

Portanto, ao aliarmos tecnologia e inclusão, o abismo existente entre o mundo sonoro e o mundo surdo diminuirá concomitante à formação e à capacitação dos educadores para essas duas áreas tão férteis da nossa educação.

A partir disso, Soares (1997) também afirma que, com o advento da internet, há um momento privilegiado, para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o *estado ou condição* que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais exercem papel fundamental na interação com o aluno ou usuário, ou seja, ocorre, assim, o letramento na cibercultura.

Esse letramento, hoje visto como digital, significa muito mais que alfabetizar, significa ensinar a ler e a escrever de forma que o indivíduo compreenda que a leitura e a escrita fazem parte da vida das pessoas ao seu redor e cuja comunicação ocorre de forma rápida, linear e dialógica. Assim, pode-se definir que letramento digital é a capacidade de ler e escrever através da tela do computador, adquirindo habilidades para manuseá-lo, de acordo com as necessidades do momento e desta forma apropriar-se das tecnologias digitais contemporâneas. Através dessas tecnologias os alunos podem se comunicar e gerar uma grande teia do saber, onde podem trocar experiências, informações, conteúdos, vídeos, textos, enfim, saberes diversos e diversificados.

Marcuschi (2004) confirma que: “O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder, tanto para construir, como para devastar”.

Diante do exposto, pode-se afirmar que estamos diante de uma nova sociedade, uma sociedade já influenciada por essas novas tecnologias. Nessa sociedade da Informação, a comunidade virtual se constrói através de afinidades

de interesses ou de conhecimentos, através da comunhão de projetos, num processo de cooperação e de troca. Independentemente das proximidades geográficas ou de seus vínculos institucionais, ela não é irreal, nem tampouco, imaginária ou ilusória. Seria uma coletividade, mais ou menos permanente, que se constrói e se organiza através do novo correio eletrônico mundial. O ciberespaço favorece essas conexões nesta sociedade, segundo afirma Lévy:

Hoje, a informação disponível on-line ou no ciberespaço em geral compreende não apenas o estoque" desterritorializado de textos, de imagens e de sons habituais, mas igualmente pontos de vista hipertextuais sobre esse estoque, bases de conhecimentos com capacidades de inferência autônomas e modelos digitais disponíveis para todas as simulações. Além dessas massas de documentos estáticos ou dinâmicos, paisagens de significações compartilhadas coordenam as estruturas subjetivas variadas do oceano informacional. (LÉVY, 1996, p.115).

Através desse ciberespaço, o professor deve se inserir e colocar seu conhecimento à disposição dos alunos já conectados a essa grande "teia", e motivar aqueles que ainda resistem a essa nova sociedade, tornando-os assim, letrados digitalmente, e, por consequência, capazes de lidar e interagir através dessas ferramentas educacionais presentes nesses meios de comunicação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os instrumentos de coleta de dados necessários à pesquisa foram a busca contínua de dados relacionados ao uso do *Facebook*, baseando-se como metodologia o universo e amostragem, inserindo-se assim, numa pesquisa quanti-qualitativa a partir de análises, observações e interações. O que nos possibilita a utilização de processos etnográficos.

Segundo Moreira e Caleffe (2006), a etnografia tem como característica enfocar o comportamento social no cenário, confiando em dados qualitativos, em que as observações e as interpretações são feitas no contexto da totalidade das interações humanas. Os resultados da pesquisa são interpretados com referência

ao grupo ou cenário, conforme as interações no contexto social e cultural e a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa. Nesse sentido, a etnografia é um método e um ponto de partida, é a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudos. Na sua origem, o objetivo principal dos pesquisadores que realizam pesquisa etnográfica era principalmente o compartilhar experiências dos indivíduos, estudando-os da forma mais natural possível a fim de compreender melhor como as pessoas viviam e davam sentido a seu mundo.

Assim, nesse estudo em tela será utilizada a etnografia virtual (HINE, 2000), conhecida como webnografia, ciberantropologia, netno–grafia, etnografia digital, dentre outras, que estuda as práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes. Ocorrendo um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade. Angrosino (2009) afirma que, na etnografia virtual, a comunicação eletrônica se baseia na palavra escrita ou imagens, problematizando o uso dos espaços virtuais, isto é, o *status* da internet como forma de comunicação, como objeto dentro da vida das pessoas e como lugar de estabelecimento de comunidades, através dos usos, interpretados e reinterpretados, que dela se fazem.

Assim, adotamos os processos etnográficos como metodologia de investigação e a observação participante como técnica que orienta e fundamenta a coleta de dados, ou seja, um estudo etnográfico baseado na observação e participação em redes sociais na web. Visto que, a investigação proposta busca no uso da rede social por alunos surdos analisar sua comunicação através desse ambiente virtual. Quanto à sua abordagem, podemos afirmar que é qualitativa, sendo necessário o contato do pesquisador com o fenômeno em estudo, *in loco*, buscando refletir sobre a dinâmica da experiência.

Denzin e Lincoln (2006) consideram a pesquisa qualitativa como sendo uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Logo, essas práticas e matérias interpretativas dão visibilidade ao mundo, transformam-no em uma série de representações e significações realizadas pelos próprios sujeitos da ação.

Portanto, a etnografia se enquadra nesta abordagem, pois busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado, como afirmam Hammersley e Atkinson (1994), ao revelarem que o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais.

Gil (2010) afirma que a pesquisa etnográfica tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevista em profundidade e observação participante. Ou seja, o pesquisador participa ativamente de todas as fases da pesquisa. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar às experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado. Para Faschin (2003, p.115), o universo é o conjunto sobre cujos atributos vai indiciar a investigação e, por isso, transformar-se-ão em fonte de informação.

Já a amostra é conceituada por Moresi (2003, p.29) “Amostra é parte da população ou do universo, selecionada de acordo com uma regra ou plano.” Assim, pode-se compreender que as amostras são analisadas com a finalidade de trazer informações sobre a população.

Para Marconi e Lakatos (2008), o universo ou a população de uma pesquisa depende do assunto a ser investigado, e a amostra, porção ou parcela do universo, que realmente será submetida à verificação, é obtida ou determinada por uma técnica específica de amostragem.

Diante das definições acima a pesquisa teve como universo o *Facebook*, rede social com mais de um bilhão de usuários segundo dados da wikipedia.org. A interface dessa rede social foi modificada no início de 2014 passando a ter o seguinte aspecto:

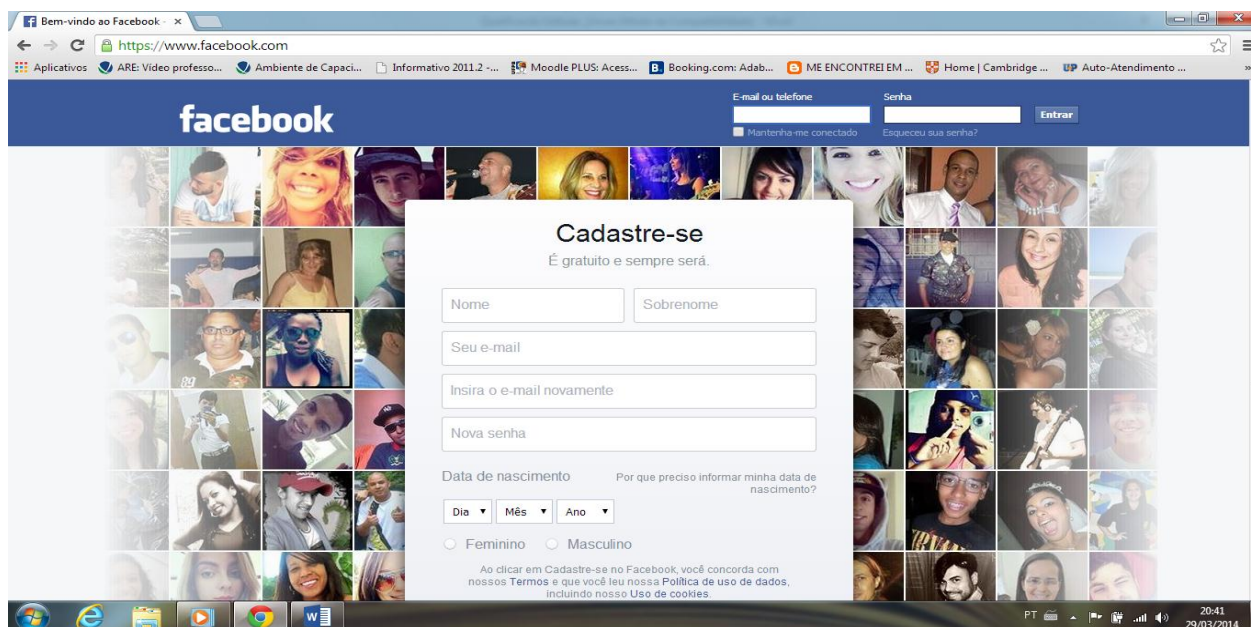


Imagem 2 (Página Inicial do Facebook – acesso em 29/01/2014)

O *corpus* da pesquisa teve como objeto de estudo os alunos surdos, usuários dessa rede, que cursavam o 3º ano da Escola Estadual Professora Maria Geny de Souza Timóteo, turno noite, Educação de Jovens e Adultos (EJA), na rede estadual de ensino em João Pessoa – PB e seus devidos comentários, ações e opiniões dentro desse meio virtual. No que concerne à amostra, optou-se por selecionar uma amostra de dez alunos surdos usuários desta rede social, inseridos em um grupo, nomeado de Atividade para alunos surdos - Português.

Para Moreira e Caleffe (2006) a pesquisa etnográfica, a exemplo das demais metodologias de pesquisa, segue algumas etapas ou procedimentos que facilitam o andamento da investigação como: formular uma questão relevante a ser pesquisada, saber identificar um grupo para estudar a questão, introduzir a proposta de pesquisa ao grupo para a obtenção do consentimento e do envolvimento. A coleta de dados ocorre a partir da observação participante e contextualizada e de anotações feitas em campo, realizando, posteriormente, uma descrição densa, detalhada, o que favorece a compreensão do problema de pesquisa, comportando, também, outras técnicas complementares (entrevistas, narrativas, história de vida, etc).

Inicialmente o desenvolvimento da coleta e análise dos dados se deu através da criação de um grupo no *Facebook* e logo depois ocorreu o convite e inserção desses alunos em um grupo fechado, criado nessa rede social para desenvolver atividades similares às feitas em sala de aula, buscando analisar a aprendizagem através dos suportes: a sala de aula e o *Facebook*. Após a inserção dos mesmos, foi feita a comparação entre a apreensão de conhecimentos desses alunos na sala de aula regular e no ambiente virtual.

4. ANÁLISE DOS DADOS:

A análise dos dados e das discussões envolvem interpretações de significados e de funções das ações do objeto estudado, assumindo uma forma descritiva e interpretativa das informações colhidas.

Inicialmente foi criado o grupo Atividade para alunos Surdos em 21 de outubro de 2013 como se observa na imagem abaixo:



Imagem 3 (Página inicial do Grupo: Atividade para alunos surdos. Acesso em:03/05/2014)

O grupo é composto por dez membros, sendo um o administrador, o professor avaliador, os outros são, além de membros, ex-alunos da Escola Estadual Professora Maria Geny de S. Timóteo. Como vemos na imagem abaixo:

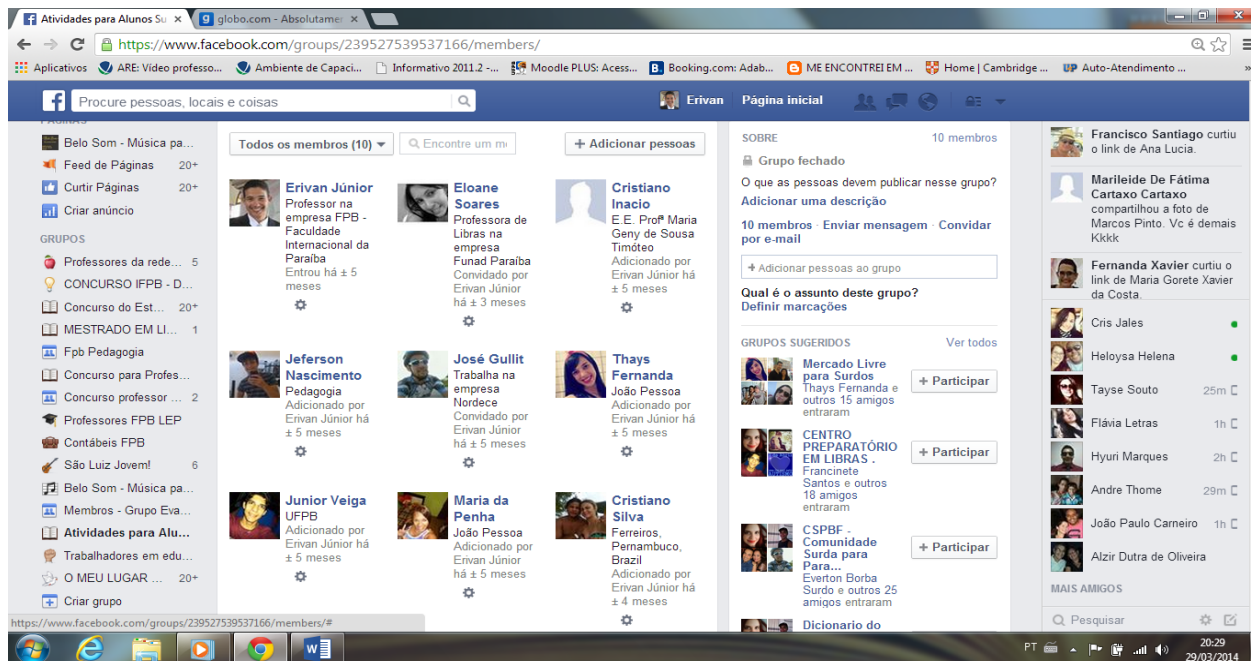


Imagem 4 (Lista de usuários do Grupo: Atividade para alunos surdos – Facebook. Acesso em: 29/04/2014)

Posteriormente foram postadas pelo professor-avaliador (P.A.) atividades que já haviam sido aplicadas em sala de aula no ambiente virtual (grupo) para que os alunos observados respondessem. Tais como as atividades seguintes:



Imagem 5 (Atividade sobre o poema Versos Íntimos de Augusto dos Anjos)

Nessa imagem pode-se observar que foi postada uma versão do Poema Versos Íntimos (Augusto dos Anjos) com imagem e legenda para que os alunos pudessem ler e compreender melhor esse texto que fora trabalhado em sala anteriormente. Após a visualização por parte de componentes do grupo (seis) foi postada a seguinte pergunta, como vemos na imagem a seguir:

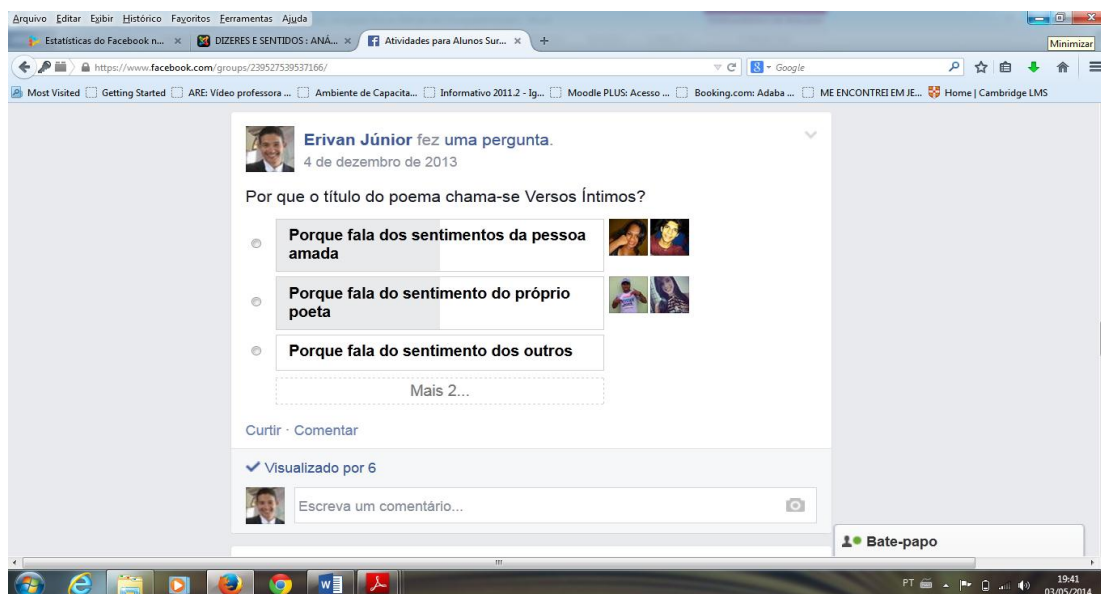


Imagem 6 (Enquete sobre o poema Versos Íntimos de Augusto dos Anjos)

Por conseguinte foi postado um vídeo da Música Comida da banda de Rock Titãs. Como vemos na imagem a seguir:



Imagem 7 (Vídeo sobre a música Comida da banda Titãs)

Após a visualização por parte novamente de seis membros foi postada no grupo a seguinte questão: “O povo brasileiro tem fome de quê?”



Imagem 8 (Enquete sobre a música Comida da banda Titãs)

Nessa imagem, pode-se observar que apenas um membro respondeu a enquete proposta pelo professor avaliador (P.A.), embora seis (6) membros houvessem visualizado a referida pergunta.

Por fim, foi postado uma enquete relacionada ao ensino de Língua Portuguesa e o aluno surdo, como vemos na imagem a seguir:

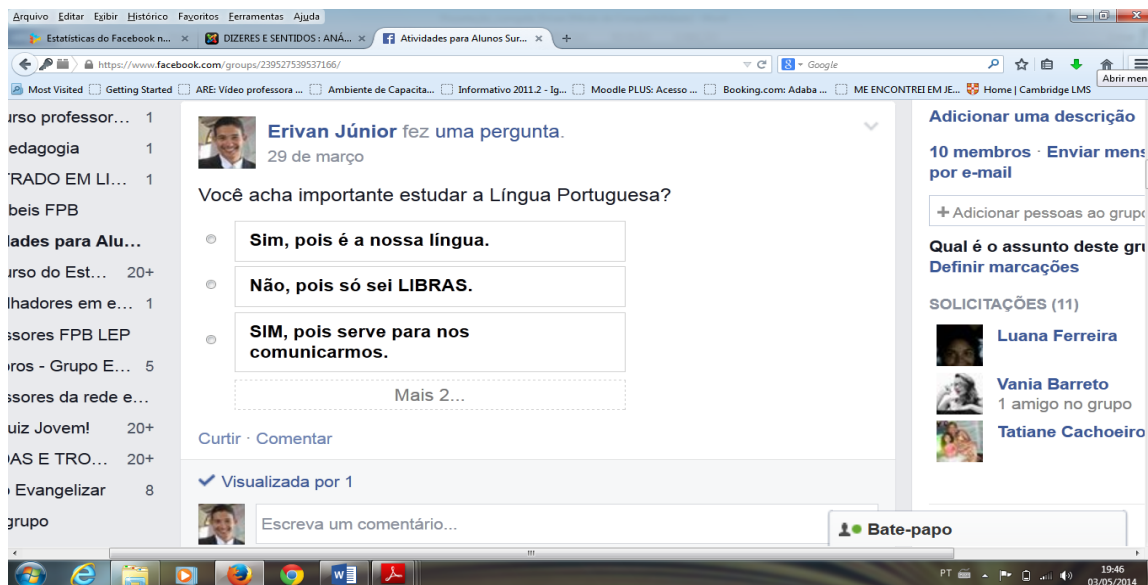


Imagem 9 (Enquete sobre a importância da Língua Portuguesa para o aluno surdo)

Em relação a leitura e interpretação de texto a atividade postada foi relacionada ao texto A Bola de Luiz Fernando Veríssimo, como constatamos na imagem a seguir:

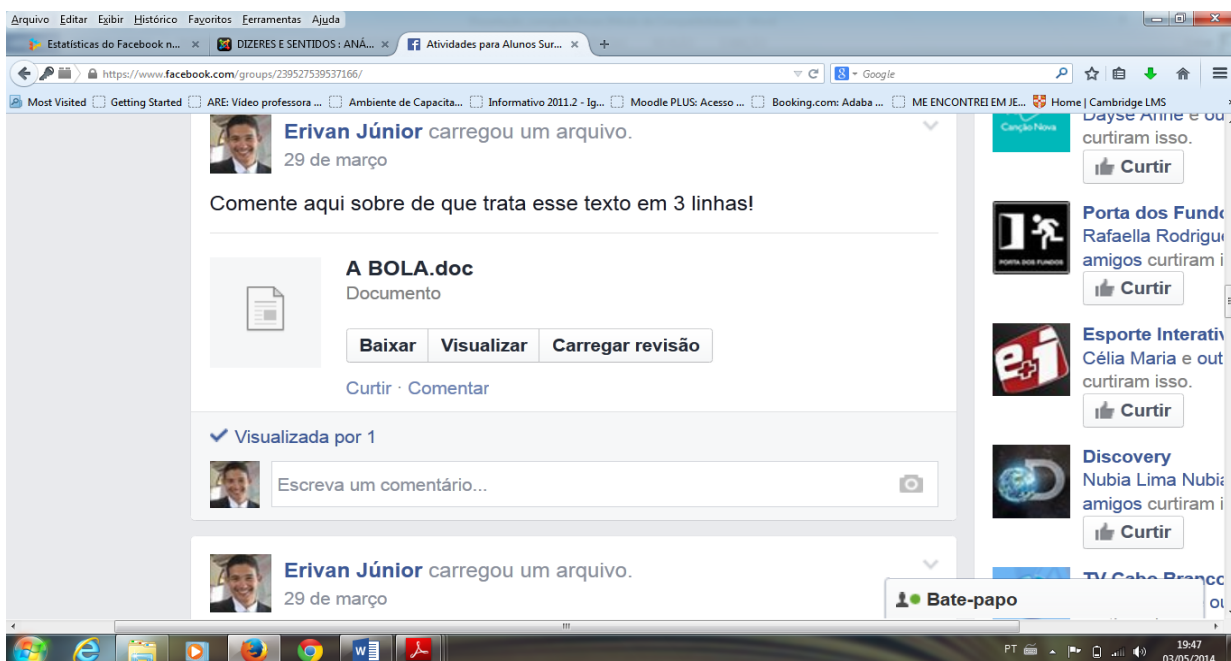


Imagem 10 (Texto A bola de Luiz Fernando Veríssimo)

Além dessas atividades feitas em grupo pode-se observar também a comunicação estabelecida por esses membros com outros surdos existentes na lista de amigos do Facebook. Vejamos, a seguir alguns exemplos:

A primeira aluna observada, posta frases retiradas de trechos bíblicos, sem a presença de desvios da norma-padrão evidenciando uma coerência textual, mesmo sem ter o conhecimento de certos elementos lexicais e gramaticais. No exemplo que se segue, a aluna observada interage com uma amiga se expressando em língua portuguesa, sem desvios graves à norma-culta:



Imagem 11 (Perfil do aluno E.S. no Facebook)

Nessa outra imagem também há pouca disparidade entre a norma-culta e a postagem da aluna, observemos:

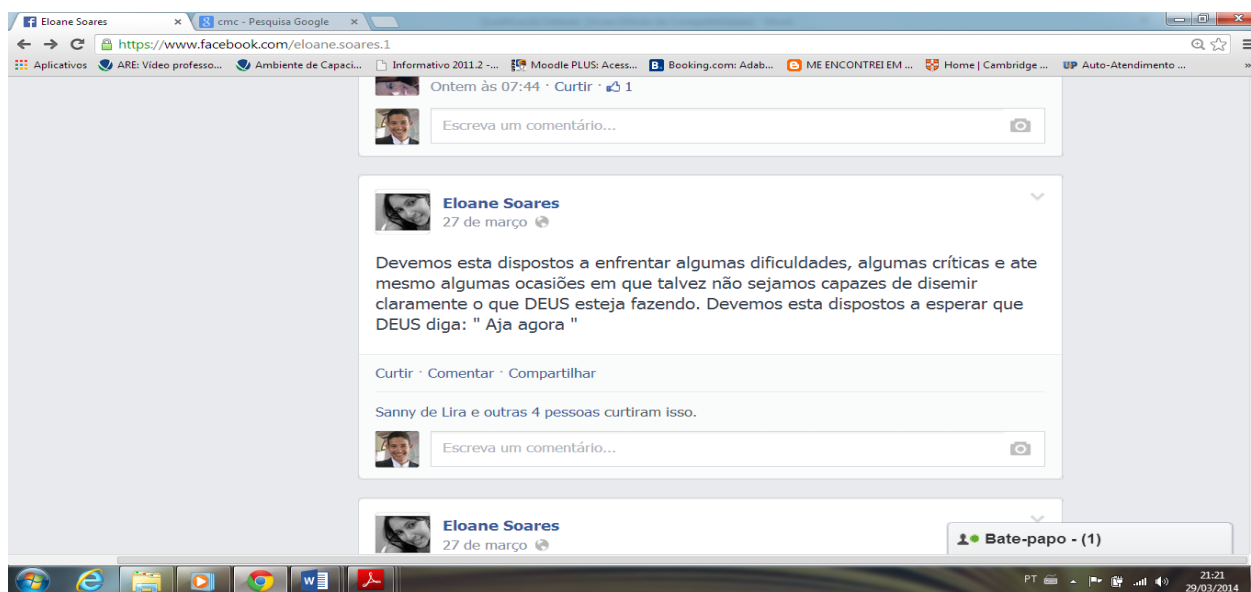


Imagem 12 (Postagem da aluna E.S no Facebook)

Em relação a mesma aluna ainda, podemos constatar na postagem abaixo que a mesma realiza bem a comunicação com seus amigos de rede social, mesmo sem usar todos os elementos coesivos e lexicais em sua postagem, vejamos:



Imagem 13 (Postagem da aluna E.S. no facebook)

No segundo caso analisado observamos o contrário, o aluno posta sem se preocupar com o sentido que a postagem poderá ter, porém o entendimento ocorre por parte do receptor do texto do mesmo:



Imagem 14 (Postagem do aluno J.G. no facebook)

Nessa outra situação o mesmo aluno posta um período maior sem o uso de conectivos adequados que possam dar coesão, coerência e informatividade ao seu discurso. Ou seja, ele escreve um português diferente, um português ainda difícil de ser compreendido pelos professores não inseridos no mundo surdo, que rejeitam a existência da pluralidade de manifestações lingüísticas dentro do universo da língua portuguesa por parte dos surdos. Observemos:



Imagem 15 (Postagem de fotos do aluno J.G no facebook)

No terceiro e último caso analisado, podemos identificar na postagem da aluna a ausência de conectivos, mas que não compromete o entendimento do texto publicado:



Imagem 16 (Postagem da aluna M.P no facebook)

4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após essa análise dos dados referentes aos surdos no ambiente virtual *Facebook*, podemos concluir que a presença do surdo nestes ambientes pode ser vista como um fator motivante para o uso da escrita (em português), para o seu treino e, por que não, para seu estudo. Há uma motivação por trás disso tudo: o surdo (como o ouvinte) quer se comunicar e, para utilizar a Internet através do *Facebook*, precisa atualmente fazê-lo da forma escrita. Na escrita, o surdo toma emprestado a língua portuguesa, uma língua oral-auditiva, com regras e estruturas específicas. No entanto, ao usar esta escrita, o surdo escreve em língua portuguesa, mas na estrutura gramatical da língua de sinais. Apesar de o português utilizado na rede não ser, em termos da norma culta, o mais correto que se pode ter, para o surdo, esta é uma grande oportunidade para a expansão do seu vocabulário, e para a atribuição de (novos) significados aos signos linguísticos com que está lidando. E isto também pode ser visto no sentido do letramento. Pois, ultrapassa as habilidades de codificação e decodificação de signos escritos e pressupõe usos da leitura e da escrita em todos os âmbitos e contextos.

O aprendizado no ambiente virtualizado ocorre de forma atemporal e sem limites de tempo ou espaço como afirma Lévy (1999), é um espaço onde a escrita,

leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada.

Segundo Lévy, o advento da escrita eleva o conhecimento e inteligência humana, mas a escrita depende não só das palavras e sim de representações destas sobre um suporte, de modo que fiquem dispostas continuamente no tempo-espaço, sejam perpetuadas, daí a sua superioridade sobre a comunicação feita de forma apenas oral:

“Com a escrita, e mais com o alfabeto e a imprensa, os modos de conhecimento teóricos e herméticos passaram portanto a prevalecer sobre os saberes narrativos e rituais das sociedades orais. A exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica só pode se impor numa ecologia cognitiva largamente estruturada pela escrita, ou, mais exatamente, pela escrita sobre o suporte estático” (1999, p.38).

Assim, o *Facebook* apresenta-se como um espaço onde o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa pode ser discutido, executado e compartilhado. O mundo sonoro, antes distante do aluno surdo, torna-se possível através dessa ferramenta de interação comunicacional. O texto, no Facebook, flui em uma escala muito maior que o texto sobre um suporte estático, pois nesse ambiente ele passa de um simples texto a um texto dinâmico e sempre reconstituído. Porém, além do texto em si, Lévy nos fala a respeito do próprio ato de ler:

“Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez que, como já disse, o texto em papel (ou o filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova ‘máquina de ler’, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular” (1999, p.41).

Assim, fica claro que dentro de um espaço virtual e cibernético como Facebook, que conecta os usuários diretamente, as iniciativas de ensino e aprendizagem têm de ser igualmente interativas, não se limitando a empurrar o conteúdo em direção ao aluno, seja surdo ou ouvinte, mas trazendo-o este para si, para fazer parte da criação deste conteúdo e também deste aprendizado. Cabe-nos saber lidar com essa tecnologia em prol dos alunos, sem fazer distinção ou exclusão dos mesmos, quer no real, quer no virtual. Embora, a realidade na maioria das salas de aula seja ainda de disparidade e de desigualdade entre surdos e ouvintes. O espaço escolar não pode ser apenas de um grupo ou de uma classe social. Ainda é possível acreditar na inclusão, tendo como aliado os suportes e as ferramentas educacionais e tecnológicas existentes.

Pois o que deve ser oferecido ao aluno surdo são práticas de letramento o mais cedo possível, seja na família ou na escola. Para isso deve haver atividades que proporcionam a inserção deles nas práticas discursivas, assim ele produzirá e lerá seus textos através da leitura de imagens. É o que chamamos de letramento visual, ou seja, ler imagens de um livro ou de um vídeo, usar-se de imagens como apoio à leitura, ler sinais, símbolos, figuras com o objetivo de promover a compreensão dos textos, assim o aluno surdo passará a ter o hábito de ler diversas imagens, criando e recriando histórias, e por conseguinte, compreendendo e produzindo seu próprio texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola não pode mais fechar os olhos para o uso das tecnologias digitais contemporâneas como recurso didático-pedagógico. É sua função letrar alunos ouvintes ou surdos. O ensino da língua portuguesa deve perpassar o caminho hipertextual, cibernético e vê-los como ferramentas na diminuição do abismo entre o mundo do ouvinte e o do surdo. Portanto, ao aproximarmos o letramento, quer digital, quer visual dos alunos, outrora excluídos desse mundo sonoro, desse letramento restritamente escrito e excludente estamos lançando mão de teorias estanques para abriremos as portas para a inclusão. A surdez existe e necessita de uma proposta pedagógica nova, pensada para suas singularidades linguísticas e culturais.

Como bem afirma os PCN's, a inclusão deve ser prioridade respeitando a diversidade de cultura de seus membros: "O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural brasileira, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade". (PCNs 1997 – p.32)

Considerando a penetração e o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas aportadas, afigura-se relevante pensar essa tecnologia e suas consequências numa perspectiva mais inclusiva e menos tecnicista.

Neste sentido o uso da escrita/leitura na internet pelos surdos tem lhes proporcionado o letramento, abandonando o estado de alfabetizantes funcionais. No ambiente telemático a comunicação social tem sido ampliada e enriquecida. Através do computador, surdos falantes/leitores de sinais se "apropriaram" da escrita do português. Assim, a internet desempenha com sucesso o papel que até agora foi delegado à escola, mas sem êxito (refere-se aqui a uma comunicação escolar que vem deixando de ser veiculada apenas pelas tradicionais tecnologias da lousa, giz e livros).

Assim, a língua portuguesa (LP) tem sido para os surdos, no uso do espaço cibernético, uma segunda língua com função social determinada. Os surdos têm

aprendido a desenvolver a escrita e interpretá-la. Por esses leitores estarem inscritos no contexto dos textos dá-se o interesse.

O bilinguismo, tal como entendemos, é mais do que o uso de duas línguas. É uma filosofia educacional que implica em profundas mudanças em todo o sistema educacional para surdos. A educação bilíngue consiste, em primeiro lugar, na aquisição da língua de sinais, sua língua materna. Lacerda & Mantelatto (2000) afirmam que “o bilinguismo visa à exposição da criança surda à língua de sinais o mais precocemente possível, pois esta aquisição propiciará ao surdo um desenvolvimento rico e pleno de linguagem e, conseqüentemente, um desenvolvimento integral”.

Quanto a essa proposta, Quadros (1997, p. 30), assevera que:

A presença de surdos adultos apresenta grandes vantagens dentro de uma proposta bilíngue. Primeiro, a criança, tão logo tenha entrado na escola, é recebida por um membro que pertence à sua comunidade cultural, social e linguística; assim, ela começa a ter oportunidade de criar a sua identidade. Segundo, essa criança começa a adquirir a sua língua natural. Tais vantagens são imprescindíveis para o sucesso da proposta bilíngue... assim, tornar-se-á possível o ensino de uma segunda língua, caso contrário, a criança surda não terá chances de apresentar um domínio razoável da língua portuguesa.

O bilinguismo é, portanto, a forma de ensino com a qual o surdo poderá assumir sua identidade como tal e que permitirá que ele consiga comunicar-se com a sociedade ouvinte através da linguagem escrita e, se o surdo desejar, por meio da linguagem oral, também. Por fim, conclui-se que é importante o ensino especial para surdos, uma vez que o surdo, para se reconhecer como tal, precisa aprender juntamente com outros surdos.

O ideal sobre a inclusão é que as escolas de ouvintes se preparem para dar aos alunos surdos os conteúdos pela língua de sinais, através de recursos visuais, tais como língua portuguesa escrita, mímica/dramatização, figuras, recursos tecnológicos (vídeo/TV, slides, computador, projetor, notebooks, tablets) e leitura, desenvolvendo nos alunos a memória visual e o hábito de leitura; recebendo apoio de professor especialista conhecedor de língua de sinais, além de proporcionar intérpretes de língua de sinais, para o maior acompanhamento das aulas. A escola

precisa implementar ações que tenham sentido para todos os alunos e que esse sentido possa ser compartilhado com os alunos surdos.

Durante a pesquisa, percebi a fragilidade linguística em que os alunos surdos se encontram, e isso acaba gerando inúmeras consequências, dentre elas, insegurança na ato da escrita e da leitura, principalmente em sala de aula. Visto que, os alunos embora possam muitas vezes identificar significados de palavras, os mesmos não conseguem fazer uso efetivo da língua, já que não conseguem, na maioria das vezes, atribuir significado ao que leem. Para que o letramento aconteça é preciso interação.

Portanto, o presente estudo indica a possibilidade de se pensar em recursos facilitadores da aprendizagem do surdo. E o uso do Facebook se apresenta como um desses facilitadores no ensino de língua portuguesa. Pois, o aluno surdo só fará uso da língua escrita com mais segurança a partir da ampliação de seu conhecimento de mundo, por isso essa ferramenta virtual pode proporcionar essa ampliação e consequente aprendizado. A utilização dessa rede social deve ser explorada, dentro e fora do espaço escolar, com o objetivo de possibilitar uma maior interação e desenvolvimento das habilidades do aluno surdo, possibilitando sua real inclusão. Por fim, a leitura de imagens e as estratégias visuais de leitura e de interpretação de textos devem ser incentivadas nas escolas e utilizadas não apenas como ferramentas de apoio, mas sim, devem ocupar espaço central na organização do ensino de alunos surdos.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, M. *et al.* (Org). **Doenças**: da sintomatologia ao plano de alta. Tradução Poxone Jacobson. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. Vol 1. A-M.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BONETI, R. V. F. **A organização escolar e a inclusão das diferenças na sala de aula**: só as adaptações curriculares resolvem? [Resumo] Cap. IX (pp. 85-91). Trabalho apresentado no *III Congresso Brasileiro sobre Síndrome de Down*. Anais. Curitiba. Brasil, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COSCARELLI, C. V. **Entendendo a leitura**. Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte: UFMG. v. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002.

DECLARAÇÃO de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. (1994, Salamanca). Brasília: CORDE, 1997.

DAVIS H, SILVERMAN RS. **Hearing and deafness**. Nova York: Rinehart & Wiston; 1970.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FERREIRA, A. B. A. Mini dicionário séx. XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed Rev. Amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, A. Aquisição de português como segunda língua: uma proposta de currículo. Rio de Janeiro. Revista Espaço/INES - Junho/98. p.46-52.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. (Coleção leitura, escrita e oralidade).

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo : Atlas, 1999.

_____. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, D. T. Dicionário de termos médicos e de enfermagem. São Paulo: Rideel, 2002.

HABERMAS, Jürgen. Dialética e hermenêutica – para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: L&PM, 1987a.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P.. Etnografia: Métodos de investigación. Barcelona: Paidós, 1994

HINE, C. Virtual ethnography. London: SAGE Publications, 2000.

JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 2005.

KATO, M. O aprendizado da leitura. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KLEIMAN, A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 9. ed., 2004.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LACERDA, C.B.F.; MANTELATTO, S.A.C. As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica junto a sujeitos surdos. *In*: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus, 2000. p. 21-41.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI. Técnicas de pesquisa. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A.. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do trabalho científico**. SP: Atlas, 1992.

LE MOS, André. [Olhares sobre a cibercultura](#). Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

MACIEL, J. W. G.; SILVA NETO, C. E.; NÓBREGA, M. O. Letramento digital: uma exigência do mundo globalizado. *In*: I Colóquio nacional de estudos da linguagem, 2007, NATAL - RN. Linguagem como prática social: Fronteiras e perspectivas, 2007. CD-ROM.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, A. C. (Org). Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.

MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. RJ: DP&A, 2006.

MORESI, E., Metodologia de Pesquisa. Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília – DF, 2003. Disponível em: < http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/Metodologia_Pesquisa-Moresi2003.pdf.> Acesso em: 30 jul. 2013.

OLIVEIRA, Sara. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun., 2006.

PAÇO, J., BRANCO, C., MOREIRA, I., CAROÇA, C. & Henriques M. Introdução à surdez. Lisboa: Universidade Católica, 2010.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Atmed, 2004.

REILY, L.H. As imagens - o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I. R., KAUCHAKJE, S., GESUELI, Z. M.(Org). Cidadania, surdez e linguagem - desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

RUELA, A. O aluno surdo na escola regular: a importância do contexto familiar e escolar. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

SACKS, Harvey./ Emanuel SCHEGLOFF / Gail JEFFERSON. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. 1989. Language 50: 696-735.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paullus, 2004.

SARDELICH, Maria Emília. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. Caderno de Pesquisa, São Paulo, SP, v.36, n.128, p. 451-472, 2006.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, Cultura Visual e Prática Educativa. Cad. Pesqui., São Paulo, v 36, n. 128, agosto de 2006. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-1574200>

6000200009.

SASSAKI, R.K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEABRA, Carlos. **Tecnologias na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. Disponível em: http://www.institutoclaro.org.br/banco_arquivos/Cartilha Acesso em: 10 jun. 2012.

SILVA, M. A. A audição humana. Disponível em: [http://www.brasilecola.com/upload/e/ouvido\(1\).jpg](http://www.brasilecola.com/upload/e/ouvido(1).jpg) Acesso em: 30 jul. 2013.

SILVEIRA BUENO, J.G. *A educação do deficiente auditivo no Brasil. In: Tendências e desafios da educação especial*. Brasília, DF: SEESP, 1994.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1991.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). Leitura: perspectivas disciplinares*. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143- 160. Acesso em: jan.2011.

SOARES, D. A Globalização numa perspectiva sociocibernética, *In: Revista Contracampo*, nº1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.